A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 10 | Domingo 5 de março | 1893

CONDE DO SOBRAL

Estivémos juntos ha annos — não sei bem quantos — em umas corridas de primavera em Madrid. Recordo-me ainda de termos seguido já um pouco tarde para o Hippodromo, quando as ultimas carruagens subiam a Castelhana, no trote cadenceado dos tiros de raça. Ao sol claro mas ainda frio de Abril, os vestidos das senhoras nas almofadas altas dos *mails*, ou encostadas nos *daumonts*, a pellagem luzidia dos cavallos, a prata dos arreios, brilhavam n'uma entoação discreta de elegancia requintada. E, por entre o rodar quasi silencioso das carruagens, ouvia-se o choque das boleias de quatro soltas, ou o tinir fino das barbellas, quando os cavallos impacientes incensavam. Sentia-se bem que íamos para um divertimento de bom tom, implantado pela moda, ainda não completamente nacionalisado, em que o povo não tomava largamente parte, como toma em uma ruidosa *tarde de toros*.

No Hippodromo, tribunas e recinto de pesagem estavam já cheios. Na tribuna real, o moço Affonso XII, doente já, mas ainda alegre, apertado na sobrecasaca correcta, uma flôr no peito, e nos olhos claros a luz da forte intelligencia e da fria determinação, que faziam d'elle um homem na mais larga e elevada significação da palavra — um homem com todos os defeitos e todas as grandes qualidades de um verdadeiro homem. Junto d'elle a rainha, então ainda um pouco na sombra, apenas a sua companheira modesta, e que d'ali a tempo devia supportar com tanta coragem sobre os seus hombros franzinos o peso da governação da Hespanha. Ao lado, a infanta Izabel, fallando alto, saudando de longe as pessoas conhecidas com um gesto amavel; mas, sob a sua familiaridade descuidada, princeza até á ponta dos dedos. No recinto cruzava-se *todo* Madrid; a condessa de Villa Gonçalo, fina e pequenina como uma miniatura; a marqueza de Valmediano, tão genuinamente hespanhola que parece recortada em uma aguaforte de Goya; a duqueza de Alba, menos hespanhola e mais européa, conversando com o *trainer* da cavallariça Fernan Nunez, muito entendida nas cousas do *sport;* e dezenas de outras senhoras. Em volta todos os homens conhecidos, os puros *sportsmen* como os academicos e homens de estado — a sobrecasaca preta e seria de Canovas ao lado das sobrecasacas claras do duque de Lessera, de Tamames ou de Julio Benalua. O conde do Sobral encontrava-se ali em paiz conhecido, e atravessava os grupos, trocando a um e outro lado apertos de mão e acenos breves de familiaridade. Muito grave, um pouco triste mesmo, o bigode grisalho levemente retorcido, o binoculo pendente no seu estojo de couro claro, elle escondia, sob a tranquillidade um tanto forçada, a pontinha de febre, que sente todo o proprietario no momento decisivo. Demorava-se, porém, com todo o socego, a trocar com o seu *trainer* Attias as ultimas impressões, a fazer ao seu *jockey* uma recommendação final e importante.

Mas a sineta tocava para a grande corrida do dia; e o Marquez de Alcanices, largando a pesagem, vinha occupar o seu logar na tribuna do Club. Os cavallos, conduzidos á mão pelos *trainers*, começavam a sahir para a pista, em fila, n'um passo lento, brando, como de má vontade. Apenas, no brilho dos olhos e na vi-

bração das ventas abertas, se sentia a energia da raça, que logo se devia revelar em um esforço supremo. E os *jockeys* tambem, abandonados nos selins, os musculos lassos sob o setim brilhante, pareciam adormecidos. Um a um, depois do *canter* preliminar, vão tomar o seu logar junto do *starter*. A tribuna do Club enche-se rapidamente; e, nas outras tribunas, as senhoras mesmo interrompem as conversas, em um silencio de attenção. Todos os olhos estão fixados na pista, que se estende pela planicie até ás colinas fronteiras, onde os grupos de espectadores formam manchas escuras. Do ceu claro, esfumado, lavado de branco, um céu já um pouco do norte, a luz doce e diffusa cahe sobre o verde intenso da relva, em que se destacam as jaquetas brilhantes dos *jockeys*, formados lá em baixo em linha. Ha alguns instantes de espera; depois, a bandeira vermelha abate-se, e todo o pelotão vem passar deante das tribunas, compacto, com o ruido surdo, apressado e excitante, do galopar na terra enrelvada. É uma visão rapida, quasi phantastica, de côres claras, de jaquetas vistosas, de cavallos e *jockeys*, subitamente acordados, luctando na tensão de todos os musculos. Os binoculos estão em punho. Em frente, os cavallos passam ainda juntos, sem que seja possivel distinguir o vencedor provavel. Agora apparecem na volta, dois, tres, quasi a par, em um final de carreira severamente disputado. Subitamente, ao chegar ao poste, um d'elles destaca-se em dois tempos de galope, magnificos e faceis — a jaqueta carmesin e verde entra adeante.

— Quem ganhou? pergunta na tribuna do Club, o Marquez de Villa Mejor, que tem dois cavallos na corrida.

— Sobrál, gritam-lhe do lado.

— Quem? pergunta de novo o Marquez, pondo a mão no ouvido, e escondendo o despeito sob a affectação de maior surdez.

— Sobrál, gritam-lhe de novo.

— *Ah! el de Portugal.*

Effectivamente a cavallariça do conde do Sobral acabava de ganhar; e em presença d'esta cousa pequenina, apparentemente futil, a victoria de um cavallo, nós todos, os portuguezes que ali estavamos, sentimos a vibração intima e viva do orgulho satisfeito. As côres vencedoras confundiram-se para nós, durante um momento, com as côres nacionaes. Ali, deante do rei e da côrte de Hespanha, deante de todos os *sportsmen* da Peninsula, esquecemo-nos da pessoa, para nos lembrarmos unicamente de que elle era—como dizia Villa Mejor — *el de Portugal.*

O cavallo vencedor n'aquelle dia foi — se bem me lembro — *Misleader;* mas o facto não era por modo algum isolado, e, durante annos, os productos da caudelaria de Almeirim, *Misleader*, *Mississipi*, *Cataclysmo*, *Selected*, *Robert Peel*, *Rosina* e varios outros, têem ganho os principaes premios da Peninsula, conquistando para o conde do Sobral o primeiro logar, incontestavel e incontestado, entre os creadores de cavallos cruzados. E a conquista não fôra facil; representava longos annos de persistencia tenaz, de ensaios, nem sempre felizes a principio, de periodos de hesitação e desalento, ao cabo dos quaes elle voltava á sua obra predilecta, com o mesmo afinco e o mesmo amor. Por que era uma obra de verdadeiro amor; e para o julgar bem, é necessario não ter visto o conde do Sobral unicamente nos Hippodromos de Madrid ou de Belem, onde elle esconde o enthusiasmo sob a correcção e os ares graves e mysteriosos de um proprietario de cavallariça de corridas. Para o julgar bem, é necessario ter tido a honra de receber em Almeirím a larga e amavel hospitalidade da sr.ª condessa do Sobral; e ter montado a cavallo, depois de almoço, para ir ver as eguas e os poldros á leziria, ou ao mouchão. É ali, que o Sobral está bem á vontade, seguindo a passo na *Lontra*, a sua egua castanha valída, pelo combro da valla; e depois, lá em baixo na pastagem alta, á sombra tenue dos choupos esguios, mostrando uma a uma as suas eguas, a *Beata*, a *Leviana*, a *Missanga*, a *Muza*, sabendo de cor todos os seus parentescos e genealogias, indicando com um gesto uma qualidade ou uma perfeição de forma, que os nossos olhos menos peritos não sabiam descobrir, apontando em outra egua um defeito, que é necessario emendar. E' ali, que se sente bem como elle tem as qualidades especiaes e excepcionaes de um creador — as qualidades dos famosos irmãos Colling, ou de Bakewell, por exemplo — a tenacidade constante, a paciencia inalteravel, o conhecimento seguro do fim a obter e o instincto do caminho a seguir; e, com isso, o golpe de vista infallivel, o conhecimento completo das qualidades de um cavallo — a sciencia da *carne de cavallo*, como dizem pittorescamente os inglezes. E tudo isto possue o conde do Sobral em alto grau, por que é necessario não acreditar na lenda da sua felicidade. Elle não foi feliz, foi simplesmente teimoso e intelligente. Não houve na creação da sua raça de cavallos de corridas, um unico passo que não fosse longamente meditado, um unico cruzamento a que elle se não determinasse com um fim especial, um unico erro que não se aproveitasse como futura licção.

*

Mas a formação da sua maravilhosa raça de cavallos, com ser o mais conhecido, é sem duvida tambem o menos importante dos resultados por elle obtidos na sua, já longa, vida de trabalho. Por que o conde do Sobral, não é um simples creador, gastando luxuosamente na sua caudelaria as sobras dos seus rendimentos, como succede com frequencia em Inglaterra, em

França, ou mesmo em Hespanha; o conde do Sobral é um creador, porque é um lavrador. E ainda n'este caso é necessario ter visitado Almeirim, ter percorrido com elle, a cavallo, o campo e a serra, para avaliar bem nos longos vinhedos da leziria e do arneiro, nas charnecas desbravadas, nos paúes arroteados e vallados, na larga actividade agricola, espalhada por toda a parte, qual tem sido a proficua energia da sua administração.

Voluntariamente exilado, rodeado apenas da sua familia, longe da côrte e do que se chama o *mundo*, mas conservando a elegante correcção de quem nunca o tivesse deixado, o conde do Sobral é talvez entre nós a mais genuina reprezentação de um puro *gentleman farmer*. Algumas duzias de existencias como a sua, espalhadas por este nosso paiz, poderiam transformar-lhe a economia, como lhe transformariam sem duvida a fibra moral. E comtudo, elle não parece ter a convicção de que leva uma existencia essencialmente util — ou, se a tem, não a mostra. E' talvez pura modestia da sua parte, talvez um pouco de orgulho, temperado de scepticismo. Em todo o caso, leva essa existencia com uma grande singezeza, sem sombras de ambição, em um desprendimento fidalgo de honras e distincções, usando muito e naturalmenre o nobre nome, herdado de seus paes, como naturalmente tambem usaria um honrado nome plebeu, se o tivesse recebido pelo acaso do nascimento. Não falta nas occasiões solemnes á côrte, onde o trazem as suas tradiccionaes convicções monarchicas; mas volta com prazer para o seu campo, para a sua leziria banhada de luz, para o seu Tejo, em que se retratam as folhas cinzentas e tremulas dos salgueiros, para a rude e salutar convivencia directa com o povo. E volta, sem querer outra cousa, sem desejar outra cousa, sem pensar sobretudo que o possam louvar por isso, por que no proprio trabalho tem a recompensa, por que naturalmente faz o bem pelo bem.

Um dia, abriu um parenthese na sua vida de puro lavrador — os eleitores da sua circumscripção enviaram-no á Camara. Foi apenas um curtissimo parenthese; a politica, no sentido em que por ahi se toma a palavra, não lhe agradou e não lhe podia agradar. Ao seu espirito, que os cuidados de uma larga administração haviam tornado essencialmente pratico, as pequeninas luctas de palavra e de intriga da nossa politica nacional, affiguraram-se, o que na realidade são, ociosas e estereis. Pareceu-lhe, que os politicos de profissão raciocinavam e se debatiam nos espaços imaginarios, mais occupados de si que do paiz, similhantes aquelles medicos da farça de Gil Vicente, que discutem pausadamente na casa de fóra as conjuncções da lua, emquanto lá dentro o doente agonisa abandonado. Depois, alem da politica e dos politicos honestos — que os ha, e muitos, louvado seja Deus — elle poude tambem entrever a baixa cosinha da polica de interesses e de negocios. Viu correr muita agua turva; mais turva que a do Tejo em uma cheia de outomno. Viu remecher muito lodo, mais negro que o do fundo das vallas das suas lezirias. E tranquillamente voltou para o Tejo e para a leziria, onde agua e lodo são sujos apenas na apparencia.

D'aqui, ficou-lhe talvez, ainda mais pronunciado, um dos traços do seu caracter — a intransigencia absoluta em frente de tudo o que seja menos direito e menos honesto, uma intransigencia irritada e militante, não admittindo compromissos, nem explicações. Quantas vezes o temos visto insurgir-se mesmo contra os seus amigos mais intimos, quando estes, não mais transigentes mas mais frios, acolhem com um sorriso os factos, nossos e alheios, que o indignam; e querem encontrar a explicação, não a desculpa, d'esses factos, na expansão demasiado rapida de uma democracia que se acotovella, avida de gosar, sequiosa de luxo, querendo, por todos os meios e depressa, o seu logar ao sol.

E não se julgue, porque escrevi agora a palavra democracia, que o conde do Sobral abriga no seu espirito algum vestigio de intransigencia aristocratica. Ninguem, pelo contrario, é mais francamente democratico, do que este lavrador fidalgo. Basta vel-o conversar com os seus campinos, basta vel-o discutir mano a mano com o seu maioral das eguas, ou com o seu maioral dos touros, para se sentir, que elle não tem simplesmente o amor theorico do povo de alguns liberaes de profissão; mas tem mais e melhor do que isso, tem o sentimento vivo da egualdade, o respeito do homem pelo homem.

Conde de Ficalho.

No proximo numero, medalhão de sir George Petre. Artigo de Carlos R. du Bocage.

POLITICA SEM POLITICA

Um jornal queixou-se esta semana de que, em relação á questão da fazenda, iamos entrando já no periodo dos *alvitristas*.

Não ha, perdoe o illustre confrade, motivo para reparo.

Um doente recorre primeiramente á medicina classica, depois aos systemas novos, depois aos charlatães, e finalmente, não melhorando, vê-se reduzido aos conselhos e mezinhas dos amigos que se interessam pela sua saude, e cada um dos quaes possue um caso e uma receita.

Ora, dado que o paiz é um doente, temos que se tratou primeiramente com Hippocrates, na pessoa do sr. Antonio de Serpa — com Galeno, na pessoa do sr. Barros Gomes — com Averrhoes na pessoa do sr. Marianno de Carvalho (1.ª maneira).

Veiu depois á homœpathia, sendo seu Hahnemann o sr. Cunha.

Após um pequeno intervallo, em que esteve confiado ao *dentistismo* na pessoa do habil marroquino Marianno (2.ª maneira, aperfeiçoamento da 1.ª), deu-se o enfermo ao bem indicado systema anti-phlogistico de Broussais, representado na copiosa sangria applicada pelo sr. Oliveira Martins ás despezas publicas, e ao qual se seguiu, finalmente, o insigne *raspalhista* José Dias, que, apesar e por causa da camphora, que toda era pouca para combater as fermentações politicas em que se deixára involver, morreu elle mesmo d'impotencia, deixando o paiz ainda em peior estado do que antes.

Ora, dados estes resultados, quando os chavões, uns por culpa propria, outros por culpa do doente, o não curam, não será licito aos amigos do padecente alvitrarem, de vez em quando, alguma herva caseira?

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Terpsichore—como diria pretenciosamente um chronista do seculo passado, referindo-se á ultima *matinée* da sr.ª D. Anna de Serpa Pimentel — cedeu o logar a *Thalia*. Não se marcaram quadrilhas, nem se dansaram valsas, mas representou-se a comedia em um acto *Un crâne sous une tempête*, uma d'essas engraçadas e finas peças, que na litteratura dramatica franceza constituem um genero á parte e que se chama *théâtre de salon*.

O papel principal foi desempenhado pela sr.ª D. Anna de Serpa; e com tanta graça, com tanto talento o fez, que apenas foram ditas as ultimas palavras da comedia, todas as pessoas que a ella assistiram manifestaram o seu enthusiasmo, fazendo uma calorosa ovação á illustre e sympathica senhora. Mr. Komarow, que, mais de uma vez, tem revellado nos salões da nossa sociedade elegante as suas excepcionaes aptidões para a scena, interpretou perfeitamente o papel de marido, aliás difficil, por isso que, conservando-se mudo, tem pela naturalidade dos gestos e pela expressão da phisionomia de manifestar os seus sentimentos. Mereceu tambem muitos applausos.

Foi, como se vê, uma deliciosa festa. Finda a representação da comedia, os convidados passaram para o jardim, onde se reuniram em alegres grupos, conversando animadamente.

Estiveram, entre outras, as sr.as:

Duqueza d'Avila e de Bolama, Marquezas de Fronteira e de Alorna, de Pomares, do Fayal, de Sabugosa e filhas, da Praia e do Monforte, Condessas de Villa Real e filhas, de Nova Goa, de Lagoaça, de Gouveia, de Valenças e filhas, do Forgach, de Bray, de Almedina e filha, de Jimenez de Molina, da Cunha Mattos, de Thomar e filhas, de Burnay e filha, d'Avila, de Sabugosa, de Magalhães e filha, de Bobone e filhas, de Calhariz de Bemfica (D. Izabel), das Antas, Viscondessas de Balsemão, de Asseca, de Taveiro, Baronezas da Regaleira, de Cottu, D. Joanna Chaves Hintze Ribeiro, D. Maria Emilia Seabra de Castro e fi-

FOLHETIM

Ultima corrida de touros em Salvaterra

(Continuação)

O conde dos Arcos, entre os cavalleiros, era quem dava mais na vista. O seu trajo, cortado á moda da côrte de Luiz XV, de veludo preto, fazia realçar a elegancia do corpo. Na golla da capa e no corpete sobresahiam as finas rendas da gravata e dos punhos. Nos joelhos as ligas bordadas deixavam escapar com artificio os tufos de cambraeta alvissima. O conde não excedia a estatura ordinaria, mas esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pallidas de mais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupillas negras fuzilava tão vivo e por vezes tão recobrado, que se tornava irresistivel. Filho do marquez de Marialva, e discipulo querido de seu pae, do melhor cavalleiro de Portugal, e talvez da Europa, a cavallo, a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Elle e o corsel, como que ajustados em uma só peça, realisavam a imagem do centauro antigo.

A bizarria com que percorreu a praça, domando sem esforço o fogoso corsel, arrancou prolongados e repetidos applausos. Na terceira volta, obrigando o cavallo quasi a ajoelhar-se diante de um camarote, fez que uma dama escondesse torvada no lenço as rosas vivissimas do rosto, que de certo descobririam o melindroso segredo da sua alma, se em momentos rapidos como o faiscar do relampago podesse alguem adivinhar o que só dois sabiam.

El-Rei, quando o mancebo o comprimentou pela ultima vez, sorriu-se, e disse voltando-se:

— Por que virá o conde quasi de luto á festa?

Principiou o combate.

Não é proposito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos teem assistido a ellas e sabem de memoria o que o espectaculo offerece de notavel. Diremos só que a raça dos bois era apurada, e que os touros se corriam desembolados, á hespanhola. Nada diminuia, portanto, as probabilidades do perigo e a poesia da lucta.

Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um touro preto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas nas pontas, pernas delgadas e nervosas, indicio de grande ligeireza, e movimentos rapidos e bruscos, signal de força prodigiosa. Apenas tocára o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte e escarvando a terra impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silencio, que succedera ás palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, fugiam á velocidade espantosa do animal, e dois, ou tres cavallos expirantes denunciavam a sua furia.

Nenhum dos cavalleiros se atreveu a sahir contra elle. Fez-se uma pausa. O touro pisava a arena ameaçador e parecia desafiar em vão um contendor. De repente viu-se o conde dos Arcos firme na sella provocar o impeto da féra e a hastea flexivel do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescoço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma acclamação immensa do amphiteatro inteiro, e as vozes triumphaes das trombetas e charamellas encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual

lhas, Madame Mathias de Carvalho e filha, D. Livia Schindler, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Patrocinio Barros Lima d'Almeida, D. Maria Francisca Meuron d'Araujo e filhas, D. Marianna de Sousa Coutinho de Serpa, D. Josepha Sandoval de Vasconcellos e Sousa, D. Clara Vianna e filha, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Madame Serodio, Mademoiselle Davidson, Madame Verhaeghe, D. Grimaneza Vianna de Lima, D. Maria Antonia Ferreira Pinto, D. Alice Ferreira Pinto, Madame Goschen, D. Maria Penafiel, Madame Below, D. Maria Carlota de Sá Pereira, D Luiza M. de Mello, Madame Mayer, Madame Komarow, D. Rita Barros Gomes, D. Alda Ramos Gomes, D. Clara Barros e Sá, D. Maria Emilia Brandão Palha, D. Alice Munró dos Anjos e filhas, D. Maria Izabel Fernandes O'Neil, D. Sophia de Moser, D. Guilhermina d'Andrade Bastos e filhas, D. Maria Izabel Palmeiro Ennes, Madame Romero, D. Fernanda Bregaro, D. Adelaide da Costa Santos, D. Adelaide Daddi Correia Arouca, D. Sophia Castello Branco de Castro, D. Maria José Trigoso e irmã, D. Margarida Cantagallo, D. Elisa Burnay de Verda, D. Carolina Burnay de Macedo, D. Margarida Chaves dos Santos e Silva, D. Eliza Santos Bastos, Madame de Rosty, Madame Plantier e outras cujos nomes não recordamos.

— No domingo, animado *five-o'clock-tea* nas elegantes salas da sr.a D. Maria Josepha da Costa Motta, esposa do sympathico secretario do Brazil.

Estiveram as sr.as:

Marqueza d'Oldoini, Condessa de Bray, D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Sousa, D. Maria Izabel O'Neil, D. Maria Penafiel, D. Maria Luiza de Sá Pereira, Madame Goschen, Madame Bacherat, etc.

— Na ultima *soirée* de Madame de Veraeghe, onde se passou aprazivelmente e no mais delicado e encantador convivio, viam-se as sr.as:

Duqueza d'Avila e Bolama, Marquezas de Sabugosa e filhas, d'Oldoini e filha, Condessas de Valbom, de Villa Real e filhas, de Magalhães e filha, de Almedina e filha, de Forgach, da Cunha Mattos, de Lagoaça, de Calhariz de Bemfica, Viscondessa de Taveiro, Madame Chévitch e filha, Madame Becherat, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Maria Penafiel, D. Maria Izabel Palmeiro Ennes, D. Mathilde Seisal e irmã, Madame de Rosty, Madame Peters, Madame Romero, D. Fernanda Bergaro, D. Sophia Mozer, etc.

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 5 — As sr.as: Viscondessa de S. João da Pesqueira, D. Ermelinda de Atayde, D. Hortence Tarujo Correia, D. Christina Emauz, D. Maria Emilia Falcão Cotta e Menezes, D. Maria Antonia Serzedello Yglezias.

E os srs.: Ayres José de Ornellas, Bernardo Homem Machado, Joaquim Maria de Mesquita e Mello da Costa Macedo (Andaluz), Thomaz Maria Pereira Basto, Manuel Pereira de Carvalho.

Segunda-feira 6 — As sr.as: Viscondessa de Barcelinhos, D. Carolina Abrantes Torrezão, D. Victoria de Carvalho Daun e Lorena, D. Amelia de Macedo, D. Maria José de Sá e Vasconcellos Guedes, D. Palmira de Mello Pimentel.

E os srs.: Conde de Caparica, D. Manuel de Saldanha Oliveira Daun Lorena e Sousa, Francisco da Ponte Horta, Eduardo Ferreira Pinto Basto, João Baptista Consiglieri Pedroso, João Carlos de Ornellas, Antonio Avellar, Antonio José Pestana da Silva.

Terça-feira 7 — As sr.as: D. Maria de Campos Valdez, D. Maria Augusta Baetta Neves (Lourido), D. Helena Pereira Coutinho, D. Julia da Piedade da Motta Portocarrero.

E os srs.: Visconde d'Alverca, Christovão de Almeida Soares de Lencastre, Ernesto Driesel Schroter, Miguel Maria Guimarães Pestana da Silva, Dr. José Thomaz de Sousa Martins, Antonio Thomaz d'Aça Castello Branco, Antonio Wadington.

Quarta-feira 8 — As sr.as: D. Marianna Carlota Augusta Chianca de Sousa Menezes, D. Victoria de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Carlota Barbosa Laroche Martins Ludovice, D. Carlota Vieira Sousa Pinto de Albuquerque, D. Maria das Dôres Nazareth e Almeida, D. Alice Seruya.

E os srs.: D. Segismundo de Bragança (Lafões), Francisco de Mesquita Paiva Pinto (Foz de Arouce), Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães (Joanne), Carlos Borges, Antonio Carolino Mendes Paes Dôres, José Augusto Galache.

Quinta-feira 9 — As sr.as: Marqueza de Pomares, Viscondessa de Villa Nova da Rainha, D. Fernanda Luiza Canavarro Valladares (Ri-

---

pouco antes fizera ajoelhar o cavallo, a mão alva e breve de uma dama deixou cahir uma rosa, e o conde, curvando-se com donaire sobre os arções, apanhou a flôr do chão sem afrouxar a carreira, levou-a aos labios, e metteu-a no peito. Investindo depois com o touro, tornado immovel com a raiva concentrada, rodeou-o estreitando em volta d'elle os circulos até chegar quasi a pôr-lhe a mão na anca.

O mancebo despresava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arripiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com furia cega e irresistivel. O cavallo baqueou trespassado e o cavalleiro, ferido na perna, não pôde levantar-se. Voltando sobre elle o boi enraivecido arremessou o aos ares, esperou lhe a quéda nas armas, e não se arredou senão quando, assentando-lhe as patas sobre o peito, conheceu que o seu inimigo era um cadaver.

Este doloroso lance occorreu com a velocidade do raio. Estava já consummada a tragedia e não havia expirado ainda o echo dos ultimos applausos.

De repente um silencio em que se conglobavam milhares de agonias, emudeceu o circo. Rei, vassallos e damas, meio corpo fóra dos camarotes, fitavam a praça sem respirar e erguiam logo depois a vista ao ceu como para seguir a alma, que para lá voava envolta em sangue.

Quando o mancebo, dobado no ar, exhalava a vida antes de tocar o chão, um gemido agudo, composto de soluços e choro, cahiu sobre o cadaver com uma lagrima de fogo. Uma dama desmaiada nos braços de outras senhoras soltára aquelle grito estridente, derradeiro ai do coração ao rebentar no peito.

El-Rei D. José, com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A côrte d'esta vez acompanhava-o sinceramente na sua dôr.

Mas o drama ainda não tinha concluido. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas magoas o peito a todos.

O marquez de Marialva assistira a tudo do seu logar. Revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe os movimentos brilhando radiosos a cada sorte feliz Logo que entrou o touro preto carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando o conde dos Arcos sahiu a farpeal-o, as feições do pae contrairam-se e a sua vista não se despregou mais da arriscada lucta.

De repente o velho soltou um grito soffocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam se realisado. Cavallo e cavalleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tenue! Cortou-lh'o rapidamente a morte, e o marquez, perdido o filho, luz da sua alma e ufania de suas cãs, não proferiu uma palavra, não derramou uma lagrima; mas os joelhos fugiam-lhe tremulos, e a elevada estatura inclinou-se vergando ao peso da magua excruciante.

REBELLO DA SILVA.

(Conclue)

beira da Pena), D. Maria do Carmo Ludovice da Gama, D. Francisca Maria de Mendonça da Silva, D. Emilia de Mesquita Paiva Pinto.

E os srs.: D. Francisco Lobo de Almeida de Mello e Castro (Galveias), Alexandre Eloy Pereira da Rocha e Vasconcellos, Antonio Severino de Andrade Arnaut, José Martins de Queiroz, Dr. Antonio José Boavida, Francisco Martins Sarmento.

Sexta-feira 10 — As sr.as: Condessa da Costa (D. Maria Luiza), D. Maria Rosa de Sá Nogueira Balsemão, D. Maria Joaquina Guimarães Pestana da Silva, D. Joanna Emilia de Faria Amaral dos Reis, D. Guilhermina Bastos, D. Eugenia de Freitas Queriol, D. Julia Adelaide Serrao da Veiga, D. Maria do Carmo Travassos Valdez (Bomfim), D. Izabel Folque Possolo.

E os srs.: Visconde de Bruges, Guilherme Francisco de Lima, Dr. Manuel Nunes Geraldes, Zophimo Pedroso, Alfredo Ribeiro, Dr. Augusto Anthero de Madureira, Alvaro Edmundo Leal Henriques (Santarem), Philomeno da Camara Mello Cabral Junior.

Sabbado 11 — As sr.as: D. Eugenia de Vasconcellos, D. Marianna d'Almeida, D. Luiza Reid, D. Anna Judice, D. Izabel Galvão Mexia, D. Maria Caldeira Franco Vianna, D. Maria das Dôres Pina Manique, D. Maria Clementina Relvas, D. Palmira Carlota de Noronha (Paraty).

E os srs.: Marquez d'Alvito, Visconde da Ermida, Barão dos Casaes do Douro, Conselheiro Guilherme Quintino Lopes de Macedo, João Maria de Vasconcellos e Sá (Albufeira), Antonio Bernardo Ferreira, Luiz Pinto Soares de Lencastre, Antonio d'Albuquerque de Amaral Cardoso Junior.

EPHEMERIDES SEMANAES

26 — Morte do dr. Carlos Zepherino Pinto Coelho.

27 — O *Diario do Governo* publica o decreto de amnistia para os crimes politicos praticados por occasião da revolta do Porto.

— Inaugura-se, na galeria da livraria Gomes, a exposição dos trabalhos do esculptor Thomaz Costa.

28 — Funeral do dr. Pinto Coelho.

— É recebido em audiencia solemne por El-Rei o novo ministro d'Hespanha, Marquez de Bendaña.

— Exequias solemnes, na egreja dos Anjos, por alma da infanta D. Maria Margarida de Bourbon.

1 — Os srs. Marçal Pacheco e Pedro Victor deixam de fazer parte da redacção do *Reporter*, cuja administração e redacção passam a nova empreza.

— É agraciado com a commenda da ordem da Torre e Espada e elevado a grã-cruz da mesma ordem o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

2 — É nomeado Arthur Alberto de Campos Henriques governador civil do Porto.

3 — Parte para Vendas Novas, onde vae assistir a uma tenta em novilhos da casa de Bragança, Sua Magestade El-Rei acompanhado do pessoal de serviço.

— O director e lentes do Instituto de Agronomia e Veterinaria vão cumprimentar o sr. ministro das obras publicas, manifestando-lhe o seu reconhecimento pelo interesse que s. ex.a tem mostrado sempre pelo ensino n'aquelle estabelecimento.

4 — Partem para Vendas Novas Sua Magestade a Rainha e Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso.

— Assume a direcção politica do *Reporter* o sr. Carlos Lobo d'Avila.

— O sr. ministro das obras publicas vae, acompanhado do pessoal technico, examinar as obras do porto de Lisboa.

— Entra para a redacção das *Novidades* o distincto escriptor Trindade Coelho.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

O *Navio Phantasma*, de Wagner, foi hontem cantado pela primeira vez no nosso theatro lyrico, ouvido com a maior attenção e applaudido com geral agrado. É esta a segunda opera do grande compositor allemão que sobe á scena no theatro de S. Carlos. Foi cantada pela primeira vez no theatro de Dresde em 1843, um anno depois de no mesmo theatro ter sido cantada a sua opera *Kienzi*. E tendo esta obtido o mais lisongeiro acolhimento, a ponto do rei de Saxe nomear Wagner o professor da real capella, o *Navio Phantasma*, pelo contrario, não agradou e cahiu, como desagradou e cahiu, no anno seguinte, quando cantada no theatro de Berlim.

É que o publico que então a ouviu não estava ainda preparado artisticamente para comprehender as bellezas da partitura, em que se accentuavam as ideias do famoso compositor sobre a transformação do drama muzical. Mais tarde, em 1864, e a expensas do mallogrado rei Luiz da Baviera, foi o *Navio Phantasma* cantado no theatro de Munich. Ahi teve um exito extraordinario. Desde então, e como a muzica allemã tem conquistado os espiritos que a principio se mostravam mais rebeldes á escola, o *Navio Phantasma* tem tido uma carreira gloriosa, e os applausos enthusiasticos do publico resgatam completamente as manifestações hostis que se fiseram a Ricardo Wagner.

O *libretto* da opera assenta sobre uma lenda popular hollandeza, em que ha perigos e aventuras maritimas. Parece que a ideia da opera a teve Wagner n'uma viagem que fez, e na qual o navio que o conduzia, depois de passar por todas as inclemencias d'um temporal desabrido, fôra arremessado ás costas da Noruega.

Na distribuição da opera, a sr. Arkel encarregou-se da parte de *Senta*.

Conhecedora profunda das operas de Wagner, dispondo de uma voz encantadora, sentindo por temperamento e comprehendendo por estudo todas as bellezas da muzica allemã, ninguem interpretaria melhor o papel, e representaria com mais correcção a sonhadora filha do capitão *Daland*.

Fez este papel o baixo Rossi, o tenor Massip o de *piloto*, o barytono Tabuyo o de *hollandez*, o tenor Colli o de *Erik*.

Não nos podemos referir circumstanciadamente ao desempenho de cada um dos artistas.

A opera agradou, e o que se pode affirmar, depois das recitas do *Lohengrin*, do *Orpheo* de Gluck, e do *Navio Phantasma* é que os trabalhos dos grandes compositores allemães vão conquistando entre nós terreno, que quasi lhe era deffeso pelas partituras da escola italiana.

*

D. Maria

Na ultima recita de assignatura, fez-se a *reprise* da graciosa e delicada comedia de Fernando Caldeira a *Madrugada*.

Todos os actos foram, como sempre, muito applaudidos.

Gymnasio

O beneficio da sympathica actriz Beatriz Rente, que se realisou na noite de sexta-feira, foi uma brilhante festa.

Subiram á scena duas comedias, *Os namorados,* original de Goldoni, primorosamente traduzida pelo sr. Pinheiro Chagas, e *Dito e feito,* comedia em um acto original do sr. Joaquim Miranda.

Foram ambas muito applaudidas.

*

Real Colyseu

A *dansa serpentine,* annunciada nos cartazes, pela elegante e formosa gymnasta Geraldine, attrahiu na ultima funcção de moda uma extraordinaria concorrencia, vendo-se todos os camarotes occupados por senhoras da nossa primeira sociedade.

A *dansa serpentine,* que em Paris tem ultimamente causado verdadeiro delirio, foi tambem muito applaudida no Real Colyseu.

É que é na realidade encantadora a dansa, quando é feita por uma artista que reune todos os predicados de belleza e correcção esculptural de fórmas, que se admiram em Geraldine.

A *serpentine* lembra um pouco a dansa das *bayadeiras* indianas e das *almêas* mouriscas. Tem os mesmos requebros dolentes, a mesma graça voluptuosa das attitudes; mas é ainda mais interessante, porque a bailarina, em vez de agitar nas mãos os longos lenços de seda das dansas orientaes. agita graciosamente a ampla roda do vestido transparente, de modo a envolver-se n'umas continuas ondulações do fino estofo, de que o seu busto emerge a cada passo, gracioso e tentador, como emerge o busto de uma ondina d'entre a espuma macia e branca das ondas. Os raios de luz colorida que incidem das lampadas Drumond sobre a artista, augmentam consideravelmente o bello effeito da dansa·

A insigne e gentil *écuyère,* Baroneza de Rahden, que voltou de novo a Lisboa, continúa n'este circo a merecer os mesmos applausos com que o anno passado foi acolhida no Colyseu dos Recreios.

*

Colyseu dos Recreios

Não sabemos porque motivo se ha-de chamar *Chiquita* quem canta, com graça especial, as maliciosas *chansonettes* do reportorio francez.

Se accaso a artista que trabalha n'este circo apparecesse de mantilha de rendas nos cabellos e vestido curto guarnecido de *medroños,* cantando as dôces *malaguenas* de Juan Breba ou de Canario, ainda se admitte; mas sendo uma linda rapariga franceza, esbelta e loira, e cantando o *Tamarabou,* não comprehendemos a razão do nome que adoptou!

Emfim, chama-se *Chiquita.* E canta tão bem, com tanta graca, e, sobretudo, com tanta malicia, que os espectadores, longe de se ruborisarem, a admiram e applaudem com verdadeiro delirio. E está n'isso o seu triumpho

*

Nos outros theatros e circos nada occorreu digno de menção.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

Bolsa semanal de Lisboa

Designação dos valores	Ultimas cotações anteriores	27	28	1	2	3	4
		DE 27 DE FEVEREIRO A 4 DE MARÇO					
Inscripções externas	26.85	27.	27.35	28.	27.65		27.40
» internas	28.21						
» » ass	29.50	30.	30.50	31.10	31.	30.90	30.90
» » ass	28.65			30.			
» » ass	28.95			30.50			31.50
» » coupon	29.	29.	29.40		29.90	29.50	
» » coupon	28.80						
Obrig. do Governo de 1888	12.500						13.500
» » » » 1888 e 1889, ass.	38.000	40.500				39.000	
» » » » » » coup.	33.000	33.500	33.500	34.000	34.000	33.800	33.8(0
» » » 1890	30.500	32.					
» » » » com gar. dos Tab.	79.900						
» » Banco Nacional Ultramarino.	71.000						
» » » » »	90.000						
» da Comp. das A. de Lisboa, ass.	61.000						
» » » » » » » coup.	63.000						
» » » de Fiação de Thomar	74.000						
» » » do Gaz do Porto	60.000						
» » » Ger. Cred. Pred., ass.	90.000	90.000	90.000		90.000	90.000	90.000
» » » » » » ass.	87.500	87.000		87.000		87.000	
» » » » » » ass.	80.000					79.500	
» » » » » » ass.	72.000		72.000				
» » » » » » coup.	89.500						
» » » » » » coup.	87.000			87.500			
» » » » » » coup.	69.000						
» Municipaes ou Districtaes	88.000					89.500	
» » » » ass.	89.500					89.500	
» » » » ass.	83.000						
» » » » coup.	78.500						
» R. C. F. Atr. d'Africa	39.500			39.000		39.000	39.000
» » » » » Portuguezes	30:000						
Acções de Bancos e Companhias:							
Banco Commercial de Lisboa	94.000			87.000	87.000		87.000
» Lisboa e Açores	87.800			87.000	87.000	87.000	
» de Portugal	107.000		108.500	108.500	110.000	104.500	109.000
Companhia das Aguas de Lisboa:	61.000						
» do Gaz e Electricidade	27.000						
» Geral do Credito Predial	31.000						
» R. Cam. Ferro Portuguezes	16.000			16.000	16.000		
» dos Tabacos de Portugal	41.900		40.000		39.500		
» R. Vinic. do N. de Portugal	90.000						

O TEMPO

ÁS 9 HORAS DA MANHÃ

Dias	Pressão	Temperatura 9 h. m.	Max.	Min.	Evapor.	Ozone	Céo	Mar	Vento
25	—	—	14,6	9,9	1,5	9,7	—	—	—
26	755,1	13,1	14,6	11,2	2,5	6,0	M. nub.	Agitado	W. N. W. mod.
27	760.1	12,2	15,3	10,5	0,8	9,0	Encoberto	Peq. Vaga	S. S. W. fr.
28	767.0	13,4	15,7	11,8	1,3	4,8	Encoberto	Vaga	S. S. W. fraco
1	771,8	14.1	18,3	12,4	1,9	3,7	Encoberto	Vaga	S. E. m. farco
2	771,0	12,3	20,1	10,2	2,5	4,8	Limpo	Peq. Vaga	N. N. E. mod.
3	767,9	13,2	20,3	10,9	2,5	4,2	P. nub.	Vaga	N. N. E. mod.
4	75",4	13,6	—	—	—	—	Encoberto	Pouco Ag.	N. fresco
Méd.	765,9	13,2	18,3	9,9	1,8	6,0	—	—	—

BOLETIM OBITUARIO

SEMANA DE 19 DE JANEIRO A 25 DE FEVEREIRO

Causas	1893	1888	1889	1890	1891	1892
Tuberculose pulmonar	25	20	7	28	13	15
Tuberculose outras	9	8	21	12	15	7
Lesões do coração	6	15	19	16	27	9
Apoplexia cerebral	12	14	16	23	20	13
Bronchite aguda	13	24	12	19	17	12
Pneumonia aguda	23	35	25	30	24	21
Febre typhoide	2	2	3	1	3	1
Variola	—	16	1	4	16	—
Diphteria	1	—	—	—	1	1
Cancro	6	1	3	2	5	3
Debilidade congenita	7	6	6	11	11	6
Outras causas	48	38	20	45	41	32
Total	152	179	133	191	193	120
Nascidos mortos	25	12	16	16	14	8

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1